

## A PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL REPENSA A QUEIXA ESCOLAR

LARA CESAR RODRIGUES<sup>1</sup>; KAROLINE DOS SANTOS FOSTER<sup>2</sup>;  
YASMIM VASCONCELOS LUZ GARCIA<sup>3</sup>; MARIANA COSTA DE SOUZA<sup>4</sup>;  
SILVIA NARA SIQUEIRA PINHEIRO<sup>5</sup>.

<sup>1</sup>*Universidade Federal de Pelotas – larac.rodrigues.pj@gmail.com*

<sup>2</sup>*Universidade Federal de Pelotas – karolfoster0711@gmail.com*

<sup>3</sup>*Universidade Federal de Pelotas – yasmiluz1@hotmail.com*

<sup>4</sup>*Universidade Federal de Pelotas - marianacostadesouza@gmail.com*

<sup>5</sup>*Universidade Federal de Pelotas – silvianarapi@gmail.com*

### 1. INTRODUÇÃO

A Avaliação e Intervenção em Crianças (AICs), é um projeto de ensino, extensão e pesquisa, sendo composto por oito acadêmicas e uma professora orientadora do curso de Psicologia. Os encontros ocorrem no Serviço Escola de Psicologia (SEP) com supervisões semanais. Por meio da teoria histórico-cultural que tem como expoentes Lev Vygotsky, Alexis N. Leontiev e Daniil B. Elkonin, em contexto de intervenções individualizadas, utiliza-se instrumentos como jogos de regras em busca de verificar se tal instrumento pode auxiliar alunos com queixa escolar. Essas intervenções são realizadas por meio de jogos como damas, cara a cara, uno, jogo da memória, buscando caminhos para minimizar as dificuldades enfrentadas pelas crianças.

A teoria da Psicologia Histórico-Cultural expõe que devemos compreender o sujeito a partir do seu contexto sócio-cultural e a queixa como multideterminada (SOUZA, 2013; OLIVEIRA, 2009). Para que haja o desenvolvimento humano, é preciso de mediação, essa realizada por meio de instrumentos e signos sendo que a linguagem é essencial no desenvolvimento e na aquisição de conhecimentos, ou seja, a mediação de outra pessoa que possua um maior conhecimento (VYGOTSKY, 1995). Portanto, a partir dessas mediações desenvolvem-se as funções cognitivas, voluntárias e tipicamente humanas, como memória voluntária, percepção, inteligência e outros (PINHEIRO, 2014). Diante disso, ao utilizar jogos de regras, busca-se desenvolver a FPS, pois essas são internalizadas do inter para o intrapessoal (VYGOTSKY, 1995; ELKONIN, 2009). Vale ressaltar que para ocorrer esse processo, é necessário que a mediação seja realizada por outra pessoa mais desenvolvida na Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) ou zona de desenvolvimento iminente (ZDI) e não no nível de desenvolvimento real (NDR) (VYGOTSKY, 1995).

A ZDP consiste em uma zona onde as FPS não estão totalmente desenvolvidas e necessitam do apoio de outra pessoa (professor, colegas mais desenvolvidos) que os domine, para atingir um nível de desenvolvimento pleno, no qual as funções mentais atingem maior maturidade e a criança consegue resolver problemas com autonomia. Para que isso se efetive faz-se importante a imitação se está presente, existe a possibilidade de aprendizagem e de desenvolvimento das FPS. Para imitar, é necessário ter alguma possibilidade de ultrapassar o que eu sei para chegar ao que eu não sei. O que, em um determinado momento está na ZDP,

em outro momento estará no NDR, ou seja, o que a criança faz em colaboração hoje, amanhã poderá fazer sozinha (VYGOTSKY, 1995).

Diante disso, o projeto de extensão está atuando em dois movimentos, sendo eles: intervenção com dois alunos da rede pública municipal de ensino, e em conjunto com as acadêmicas da disciplina de Estágio Básico III, obrigatória na grade curricular do curso de Psicologia, a qual possui o objetivo de inserir e aprofundar o estagiário nas práticas profissionais relacionadas à atuação do psicólogo escolar.

As acadêmicas de Estágio Básico III, atuam na atualização de uma lista composta por 46 alunos com queixas escolares, os quais foram encaminhados no ano de 2022 por uma escola da rede municipal de Pelotas ao SEP. Ao atualizar a lista encaminhada, têm-se o objetivo de verificar se ainda há necessidade de intervenção e se houver, encaminhar ao serviço necessário dentro da Universidade (exemplos) ou sugerir à escola possíveis movimentos na busca de solução da queixa escolar.

## **2. METODOLOGIA**

Os métodos adotados no estudo foram o de observação dos 46 alunos de 1<sup>a</sup> a 5<sup>a</sup> série encaminhados por uma Escola Pública, no ano de 2022, com queixa escolar para o AICs, tendo como objetivo investigar se a queixa da qual constava no encaminhamento permanecia a mesma; entrevistas com a coordenação pedagógica e professores. A entrevista com a coordenação foi realizada para atualização de dados como a série em que o aluno estava, turno, se frequentava a classe de apoio pedagógico, raça, classe econômica etc.. Com os professores buscou-se informações referentes à aprendizagem e aos comportamentos dos alunos encaminhados. Todas essas ações foram pensadas com a finalidade de pensar a queixa escolar e atualizar lista de encaminhamentos. Os alunos foram divididos entre as estagiárias (08) ficando uma média de 5 crianças para cada uma.

## **3. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A atualização da lista de alunos foi realizada por meio de observações e entrevistas. A partir desse método foi possível categorizar os casos de queixa escolar com base nas demandas identificadas ao longo das supervisões de estágio. Essa categorização foi realizada em diferentes grupos de alunos que atenderam a situações específicas:

1. Crianças em Atendimento no Estágio de Clínica/SEP/AICs (4 alunos): estes alunos estão atualmente em processo de atendimento, recebendo suporte no estágio de clínica/SEP/AICs.
2. Crianças atendidas no Estágio de Clínica/SEP/AICs e Desistiram: dois alunos foram atendidos inicialmente no Estágio de Clínica/SEP/AICs, mas posteriormente optaram por encerrar o atendimento.
3. Crianças chamadas e sem interesse no atendimento: dois alunos foram convidados para atendimento, mas pouco ou nenhum interesse em participar do processo.
4. Crianças atendidas por outros Serviços Psicológicos: dois alunos estão recebendo atendimento psicológico em outros serviços, com psicólogos externos à nossa equipe.

5. Crianças Transferidas da Escola: quatro alunos foram transferidos para outras instituições educacionais.
6. Crianças que não precisam mais de atendimento: treze alunos não exigem mais o atendimento, possivelmente devido a melhorias em suas situações.
7. Crianças que necessitam de atendimento: dezoito alunos ainda exigem atendimento para lidar com suas questões específicas.
8. Criança que necessita de atendimento fora de nossa especialidade (1 aluno): há um caso de aluno que necessita de atendimento e que não está dentro de nossa área de especialização.

Após a atualização das informações, realizou-se uma reunião devolutiva na escola, na qual partilhou-se conclusões obtidas durante o processo e sugeriu-se possíveis ações que podem ser adotadas para oferecer suporte aos alunos que atualmente não estão recebendo assistência adequada.

No caso dos adolescentes, comprehende-se que a implementação de propostas como oficinas, palestras e projetos abordando temas relevantes, como sexualidade, drogas, violência, arte e esporte, pode ser altamente benéfica para o desenvolvimento desses alunos. Essas iniciativas não apenas forneciam conhecimento e informação, mas também promoveriam a participação ativa em um ambiente seguro e informativo sobre assuntos importantes para a faixa etária em questão.

Na compreensão da queixa escolar, infelizmente ainda, ela é olhada de maneira fracionada, predomina a ideia de que a culpa é dos alunos, das famílias, dos professores. Ela não é problematizada como uma construção sócio-histórica, multifacetada, e passível de ser modificada (PINHEIRO, 2014). Sendo assim ela deve ser analisada nas dimensões institucional, pedagógica, sociocultural e nas políticas educacionais do contexto escolar do indivíduo. Para a análise destas dimensões é necessário que o psicólogo se aproxime e observe o contexto onde é produzida a queixa escolar (FACCI; LEONARDO; SOUZA, 2019).

#### **4.CONCLUSÃO**

A pandemia da Covid-19 determinou impactos diretos na educação, de forma que o fechamento das escolas e a implementação do ensino remoto dificultaram a adaptação de alunos e professores. Com a retomada para a modalidade de ensino presencial, as consequências das mudanças e as dificuldades na aprendizagem foram evidenciadas após o período pandêmico.

De acordo com elementos da psicologia histórico cultural, enfatiza-se a importância da análise do contexto em que o indivíduo está inserido, o que valida reflexões sobre a queixa, antes do processo de encaminhamento para psicólogos, psiquiatras ou outros profissionais. Por conseguinte, estima-se que o conjunto sócio histórico seja investigado, desconsiderando a possibilidade de isolar o comportamento ainda assim, torna-se possível ampliar, aprofundar e repensar a percepção sobre as queixas, as quais, após quase um ano dos encaminhamentos, não permaneceram as mesmas, ou tornaram-se incoerentes, levando a crer que foram realizadas precipitadamente. Em uma análise mais aprofundada, ao perceber recortes - como a adolescência, que implica em determinados comportamentos -, analisa-se a possibilidade da necessidade de atendimento psicológico ter sido desconsiderada.

As acadêmicas tiveram a oportunidade de desenvolver e colocar em ações seus aprendizados e aprofundaram conhecimentos relativos à Psicologia Histórico Cultural e a queixas escolares.

## 5. REFERÊNCIAS

ELKONIN, D. B. **Psicologia do jogo**. Tradução de Álvaro Cabral. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

FACCI, Marilda G. D.; LEONARDO, Nilza S. T.; SOUZA, Marilene P. R. (Org.) **Avaliação Psicológica e Escolarização: Contribuições da Psicologia Histórico-Cultural**. Edufpi, 2019.

OLIVEIRA, M. K. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio- histórico**. Coleção Pensamento e ação na sala de aula. São Paulo: Scipione, 2009.

PINHEIRO, S. N. S. **O jogo com regras explícitas pode ser um instrumento para o sucesso de estudantes com história de fracasso escolar?** 2014. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Pelotas.

SOUZA, B. P. (org.) **Orientação à queixa escolar**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2013.